

“PRINCESAS ALAMBIQUES”

O texto que se segue é uma carta de 1974 extraída dos nossos arquivos e que condenava a prostituição... o drama daquelas mulheres a quem um poeta moçambicano chamou de «princesas alambiques».

Vivo perto de um dos vários «componds» existentes nos subúrbios e diariamente, vejo cenas das mais escandalosas que se podem imaginar. Esta carta é o meu «Não» à prostituição: Pense-se nos jovens inexperientes que sofrem das mais horríveis doenças, contraídas nesses antros obscenos que quer por ignorância, medo ou vergonha, deixam que os minem causando-lhes posteriormente sérios problemas. Pense-se nos lares desfeitos porque... Pense-se na dignidade da mulher assim espezinhada: da maneira mais repugnante e revoltante. Pense-se nas centenas de raparigas que, como mulheres que são contribuiriam grandemente para a educação e promoção da gente desta nossa querida terra.

Debrucemo-nos um pouco sobre esses seres aparentemente alegres e galhofeiros. Quem são elas? Onde vêm? Que há por trás daquelas faces besuntadas de cremes baratos; daquelas vestes reduzidíssimas; daqueles perfumes ordinários e das ridículas cabeleiras postiças? Que há por detrás disto tudo? A miséria! A frustração! A incerteza! O desespero!

Há uma necessidade de acabar com este mal. Obstruindo a fonte onde jorram, inundam os subúrbios, transbordam e escorrem para a cidade até pingarem em cenas que causam arrepios, talvez se pudesse chegar a resultados positivos.

Umas vieram do mato à procura de emprego para restituírem o «lobolo» ao homem de quem já se desligaram. Atravessando mil e uma dificuldades, acabam por cair nos braços de alguém que lhes promete «protecção». Descobrem mais tarde que são enganadas e ei-las direitinhas ao Matlotioma. Munhuana ou a outro lado qualquer. Há-as atraídas por amigas cá radicadas. Falam-lhes de deslumbrantes viagens de machimbombos, de capulanas novas, de muitos pães e latas de sardinhas. Ciosas de conseguir isto tudo de modo tão «fácil» enredam pelo caminho da prostituição. Outras vieram vender massalas e mulala aos «mufanas dos quintais» e por cá ficaram... vendendo o resto.



Creio que não gostam da vida que levam: lê-se-lhes nos olhos

Outras há que, vencidas pelas agruras da vida do campo, aceitam o convite da «tia» que promete conseguir-lhes emprego. E arranja-o! E há, infelizmente, as que nem sabem como «aquilo» começou...

Como este «negócio» é vergonhoso, refugiam-se no álcool. O medo de enfrentar a dura realidade! E há quem se aproveite desta fraqueza humana para encher os bolsos afogando-as em álcool, emprenhando-as de música barata e ruidosa e impingindo-lhes mil e uma porcarias como produtos de beleza; extorquindo-lhes assim grande parte da receita ganha com sacrifícios, e desprezo por si mesmas!

Creio que não gostam da vida que levam: Lê-se-lhes nos olhos. Vida dura e mal vivida! Ainda bem que as autoridades tomaram já providências para acabar com esta situação. Oxalá a ideia não resulte um aborto!

É de reparar que a maior parte delas vem de fora, daí a necessidade de dificultar a entrada a raparigas que não apresentarem motivos bem justificativos da sua deslocação à cidade, onde se luta com a grande escassez de empregos capazes de absorver tanta mão-de-obra feminina não qualificada, embora estejamos esperançados na «varinha

mágica» mencionada a propósito, pelo senhor dr. Sousa Soeiro...

Estas raparigas que correm vertiginosamente para as profundezas da degradação poderiam muito bem contribuir para o enriquecimento e desenvolvimento da nossa terra. Agricultando as terras em vez de as abandonar. Produzindo uma infinidade de artigos de fabrico manual e caseiro que só elas tão bem sabem fazer e que poderiam ter boa aceitação no mercado. Querem tudo fácil (?). Que pensem no que irão fazer quando surgirem as primeiras rugas nas faces e ninguém mais quiser saber delas. Tantos anos de vida gastos a distribuir beijos insípidos, abraços frios e prazeres com remorsos à mistura!

Há que erguer as que já chafurdam na lama da prostituição. Fazê-las sentir o verdadeiro valor de ser-se mulher. Recuperar-lhes a dignidade tombada e trazê-las à vida sã e útil. Facultar-lhes empregos a que estejam à altura, para que possam suprir as suas necessidades mais prementes ao mesmo tempo que lhes é dada oportunidade de se firmarem como elementos válidos para a sociedade em que vivem.

Há quem diga que tal espécie de actividade é um óptimo cartaz turístico mas podem crer que há «bifes» que dizem: «it's a shame!», porque, realmente, é uma vergonha!

O Mufana do Caniço
(Carta de um leitor — 1974)

“NA RUA ARAÚJO”

Quando comecei a trabalhar aqui neste serviço de cabaré-restaurant a abertura da porta era às vinte e uma horas. Depois começavam a tocar música. Os clientes também começavam a chegar. Entravam primeiro os «graduados», aqueles que traziam dinheiro. Nesta casa trabalhavam artistas bailarinas, outras faziam «strep-tease». Depois quando os clientes chegavam sentavam-se à mesa.

— Traga «Whisky!»

Depois de alguns copos o homem dizia:

— Olha, arranja-me companhia.

— Qual a companhia que o senhor quer? Tem aqui espanholas, brasileiras, filipinas e moçambicanas. Qual é que o senhor quer?

— Traga lá uma espanhola!

Eu ia ter e trazia a senhora. Dizia «olha, a mesa tal está a chamar. A senhora ia ter com o cliente. Sentava-se na mesa.

— O que é que a senhora quer tomar?

— Quero champanhe.

— O rapaz, traga um champanhe!

Aquele champanhe foi «batido» para ajudar a menina porque ela não pode beber muito. Quando o champanhe abria começavam a bater palmas, a gritar, gritar. O champanhe está a entornar. E passava muito tempo de beijinhos e abraços. Quando vai beber já

não tem quase nenhum. Bebe um cálice e quando toca música o homem quer dançar. Depois aí, nós aproveitávamos para fazer o nosso trabalho que era despejar fora o resto do champanhe da garrafa. Depois quando voltava para a mesa o homem perguntava:

— Onde está o meu champanhe que estava aqui?

— Já bebi, respondia a menina.

— Rapaz, vai buscar mais.

Era sempre a mesma história.

A menina que tivesse mais

«força» para fazer aquilo tinha muita percentagem. E como havia muito champanhe francês tinha 300\$00 de percentagem por cada garrafa que levasse o cliente a beber.

Quando estavam na mesa vinha «aquela» combinação porque o homem não podia gastar só assim...

— Depois às quatro horas vamos juntos?

E a menina às quatro horas saía pela porta do cavalo. E o homem aí sentado à espera.

— A menina, rapaz! Onde está a menina, rapaz? Então você disse que a menina há-de vir onde está?



Nesta casa trabalhavam bailarinas: Espanholas, Filipinas, Portuguesas e Moçambicanas



Entravam primeiro os «graduados», aquelas que traziam dinheiro

Ali até alguns davam porrada. Você pode queixar ao patrão mas como está tudo combinado não havia maneira. Levava porrada e não tinha onde queixar. Fica chateado depois vai embora.

Como o homem não «ganhou» volta no dia seguinte. Era a mesma história. «Tenho que ir ter com aquela gaja. Então eu ontem gastei muito dinheiro e isto não pode ficar assim.» Quando encontrava a senhora e perguntava como é que foi ontem ela responde:

— Fui para a cama porque estava grossa que nem sei dizer.

— E hoje o que é que queres?

— Não, hoje não vou beber champanhe. Já não vou beber como ontem. Mande «whisky».

Uma garrafa dava dois contos e quinhentos. A menina aí tinha a percentagem de quatrocentos escudos.

Se fosse espanhola (e havia muitas espanholas) bastava ver que aquela mesa está a beber «whisky» vinha logo ter para ajudar a amiga. Quando os dois saíam para ir dançar o que é que a outra fazia? Despejava o «whisky» e dizia «olha, já não tem nada aqui na garrafa. Mande vir outra».

Mais dois contos e quinhentos. Era a mesma história. E depois começa o espectáculo de «strep-tease». Vinha uma menina de um camarote, com aquela roupa que deixa ver tudo, dançar na dança. Tirava a roupa peça por peça. Tirava luvas e a música a tocar. Às vezes ia ter com homens nas costas a fazer estilo só de calcinhas e com as meias. E às vezes ia ter com um cliente e dizia

para tirar sapato. Vai para outro homem e tira a meia. Vai para outro lado e manda tirar sapato do outro lado. E noutro homem, ela é que escolhe quem vai ser, tira outra meia. A música a tocar. Ia ter com outro homem e oferecia aquela calcinha que ela tinha tirado. E depois quando acabava o espectáculo todos os homens tinham visto o corpo dela. Começam a chamar. Vai na mesa e já não quer «whisky». Quer champanhe francês.

A própria moçambicana, como era preta não é, não merecia beber champanhe. Mandava vir um «cocktail». Isto estava a 50\$00. A menina aí tinha a percentagem de dez escudos por cada cálice. Às vezes pagava três, às vezes quatro. No fim da noite é obrigada mesmo a sair com ele. Não pode fugir. Porque se ela foge o cliente vai directamente ter com o patrão. Dizia que gastei isto, mais aquilo e faz de conta que

devolve o dinheiro. Quando ela chega amanhã vai para o escritório falar com patrão. «Então qual é a nossa combinação? Você tem que sentar com os clientes e fazer a vontade do cliente. É assim ou não é? Portanto durante tantos dias não vais ganhar nada. Senão mando-te para a rua e não entras mais nesta casa».

Depois havia raparigas pretas que trabalhavam lá e só estavam para fazer «ficha». Elas bebiam chá faz de conta é «whisky», chá gelado. O chá custava quinze escudos e a menina ganhava cinco escudos. Para ganhar mais tem que beber muito chá gelado.

Fazia mal. Paciência. A combinação é essa. Fazer ficha porque esses ingleses e outros estrangeiros não entravam numa casa sem raparigas. Para ter muito movimento tem que chamar as pretas e ficavam aqui para poder entrar dinheiro. Só ganhavam a percentagem e levavam os homens para casa.

Agora às vezes encontro algumas aí nos subúrbios e digo:

— Então, eu não pensava que você ainda está cá em Moçambique!

— Aquela vida eu já deixei.

Outras estão casadas. Mesmo à noite aqui na Rua de Bagamoio (ex-Rua Araújo) já não se vêem aquelas cenas.

Haroon Patel

“DUAS OPINIÕES DE HOJE”

ISABEL ZANDAMELA-operária

Existem vários factos que caracterizam o tempo colonial, e que hoje, depois de quatro anos de combate aos mesmos, não os podemos considerar totalmente eliminados. Um dos factos é a prostituição.

A prostituição, pelo meu modo de ver, continua e está ligada à habitação e alimentação.

Não vou esconder um mal que deve ser combatido porque apesar



Isabel Zandamela operária da fábrica de vestuário NINITA

de termos acabado com as «zonas», com a da Mafalala (mathlothlo mana), este mal continua em nós. Como já disse, agora está ligado à habitação e à alimentação, e deste modo temos visto mulheres, crianças dos 18, 19 a 20 anos, assim como adultas, vivendo sós. São solteiras, não trabalham e nem recebem nenhum subsídio. Se é que pagam a renda onde arranjam o dinheiro? Como se alimentam e onde arranjam as luxuosas mobílias e vestuário que algumas têm?

Não sei se é um exagero a minha suspeita mas acho que se prostituem para aguentar com estas despesas. Senão vejamos:

Muitas delas são as que abandonam os estudos e os pais refugiando-se numa «flat» como modo de satisfazer os seus caprichos.

Um caso mais concreto é de jovens desta idade, ainda a estudar que se amantizam com senhores, chefes de família e pais de filhos que lhes garantem uma «flat» bem mobilada e andar num «MLJ». É então a fuga da casa dos pais. Isto não costuma durar muito tempo, pois, apesar de a deixar com a casa abandona-a e daí arranja outro método de manter o aluguer.



No caso da alimentação, são muitos os casos em que mulheres se amantizam com trabalhadores de casas comerciais, talhos e padarias. Estas, quando há novas remessas de tecidos, produtos de primeira necessidade, etc. vão receber as suas encomendas pela porta do cavalo. A sua parte é bem grande porque têm de contar com as amigas que também lhe dão «um jeito» onde têm também o seu «sócio».

O que dirão então os que ficam na bicha do pão e da carne desde as 4.00 horas da manhã para depois saírem sem nada porque 80 por cento ou mais, ficou reservada para os que têm conhecidos naquele estabelecimento?

Dirão que não há que comer. Mas se fizermos uma análise profunda veremos que o Governo tem importado produtos em quantidade que bem controlada oferece o mínimo de condições. É necessário também tomar em consideração o apoio que damos aos países irmãos ainda em luta. O caso concreto de Zimbabwe. A exportação que fazemos para obtermos divisas que irão ajudar o desenvolvimento do país. Não esquecendo que todas estas conquistas foram regadas de sangue de filhos moçambicanos.

Por isso, quem vê um mal destes e não o denuncia, admite que os nossos heróis tomaram em vão, que são sem valor as nacionalizações, as conquistas do povo.

Se durante 4 anos da nossa independência nos engajámos resolutamente na nossa emancipação, vamos agora mostrar o que podemos e somos capazes combatendo decisivamente estes males. Esta será uma forma de dignificarmos a nossa personalidade.

ALEXANDRE JACOB XIVALE
— operário.

Um facto que caracteriza o colonialismo, em especial na opressão da mulher, é a prostituição, que ainda hoje, depois de 4 anos de independência continuamos a comba-



Alexandre Jacob Xivale
operário da fábrica NINITA

ter. Mas, se hoje o inimigo nos agride indirectamente é também um facto que nos caracteriza como um povo decidido e resolutos como somos agora.

Isto, porque já não vemos mulheres que em lupanares vendem seu corpo. Se o fazem é às escondidas. Mas estamos decididos a combatê-las até à vitória final.

A mulher, implementando projectos da sua organização, OMM, luta pela sua emancipação e vencerá!

Aproveito a ocasião para desejar à OMM boa continuidade. E confesso, fomos muitos os que reprovávamos este órgão mas porque não tínhamos projectado em bom ecrã o que seria um povo livre.

Hoje, depois de 4 anos de combate intensivo aos vestígios coloniais vejo na mulher o exemplo da camarada Josina.

Como moçambicano, ofereço-me a ajudar a irmã exemplar e a ser ajudado por ela. E assim ergue-se um verdadeiro povo. Povo onde não existe a distinção de raça e sexo.

Irene Malandzele